

PREÇOS AGRÍCOLAS E BIOCOMBUSTÍVEIS NUM CONTEXTO DE INSEGURANÇA ALIMENTAR

Georges Flexor*

O dramático aumento dos preços dos alimentos ocorrido esses últimos dois anos tem provocado um intenso debate a respeito do papel dos biocombustíveis na atual crise de segurança alimentar. Embora todos os principais atores desse debate – sejam eles instituições globais, governos, empresas ou organização não governamentais – reconheçam a existência de múltiplas causas para explicar a abrupta elevação dos preços dos alimentos, existe certo consenso sobre o fato de que a produção de biocombustível tem algum impacto na produção de alimentos e, portanto, em seus preços. Mas esse quase consenso se evapora quando se trata de avaliar e hierarquizar a responsabilidade da crescente produção de biocombustível no aumento dos preços dos alimentos. Nos parágrafos a seguir pretendo trazer algumas informações que possam nos ajudar a abordar essa relação.

Começo com algumas observações acerca do comportamento recente dos preços agrícolas. Em primeiro lugar, constata-se que todas as principais *commodities* agrícolas sofreram uma elevação dos preços. Tomando 2004 como ano-base, estimativas do Banco Mundial apontam que os preços médios cresceram quase 80% nos últimos quatro anos no caso do milho, 56% para a soja e mais que dobraram para o trigo e o arroz.

Entretanto, segundo recente estudo da OCDE-FAO, está prevista uma diminuição gradual dos preços a partir de 2009, por mais que esses

preços permaneçam elevados durante os próximos anos. Acredita-se, por exemplo, que o preço médio do milho no mercado mundial voltará em 2015, após um pique em 2009, a patamares próximos daqueles observados em 2007. Essa tendência deve ser também observada no caso da soja e do trigo. No entanto, os preços médios do arroz devem permanecer elevados durante mais tempo, e, mesmo que se espera uma diminuição a partir da próxima década, ela deverá ser gradual e pouco significativa.

Por isso, embora devam ser tomados com precaução, esses dados recentes mostram que que os canais de transmissão de preços entre aumento da produção de biocombustíveis e a elevação dos preços agrícolas são mais complexos do que uma simples relação de causa e efeito. Mesmo parecendo evidente que a crescente produção de etanol e biodiesel impacta negativamente os preços do milho e da soja (sem esquecer a palma/dendê), seus efeitos sobre o comportamento dos preços do trigo e do arroz são bem menos óbvios.

A relação direta, ainda que de difícil mensuração, entre preços do milho e produção de etanol deve-se ao fato de que uma proporção substancial da produção de milho nos Estados Unidos direciona-se doravante a produção de biocombustíveis. Segundo os estudos supracitados, cerca de 30% da oferta de milho nesse país – que corresponde a 10% da produção mundial – tem

sido absorvida por sua indústria de etanol, a qual é, em grande parte, responsável pela aceleração do aumento de preços ocorrido desde 2006.

Já no caso das oleaginosas como a soja, o impacto dos biocombustíveis são mais difíceis de ser avaliados e mensurados. As expectativas de aumento da demanda por biodiesel na União Européia e, em menor medida, nos Estados Unidos, na Indonésia e no Brasil pressionam os preços, já que o aumento estimado da produção de biodiesel nos próximos dez anos poderá representar um terço do aumento do consumo total de óleo vegetal. No entanto, cabe notar que parte significativa da produção de biodiesel deve ser realizada a partir de oleaginosas outras que não a soja, tais como canola ou dendê. É, portanto, difícil relacionar diretamente o aumento dos preços da soja com a produção de biocombustível.

Embora a elevação dos preços dos óleos vegetais impactam as cotações da soja, o mais provável é que a elevação dos preços dessa oleaginosa decorra do aumento do comércio mundial puxado, principalmente, pela demanda chinesa, refletindo os efeitos graduais da redução, nesse país, da pobreza sobre o aumento do consumo de óleo e carnes, o que eleva a demanda por soja e derivados (farelo e óleo).

No que tange o aumento dos preços do trigo, sua relação com a produção de biocombustível é ainda mais fina. Entre 2005 e 2007, por exemplo, o aumento da demanda por trigo e outras cereais cresceu 5%, passando de 1.622 para 1.702 milhões de toneladas. Se, por um lado, podemos notar que metade desse aumento está associada à produção de biocombustíveis (em particular nos EUA, onde a demanda para este tipo de uso alcançou 80 milhões de toneladas em 2007), por outro lado, a utilização de trigo e cereais para etanol continua marginal e os recentes aumentos dos preços do trigo foram provocados em grande medida por problemas conjunturais que afetaram a oferta e que foram amplificados pela atuação de especuladores institucionais e políticas de restrição as exportações.

Para finalizar, há o caso do arroz, um alimento fundamental para grande parte da população dos países em desenvolvimento. Desde 2007, o preço do arroz tem crescido abruptamente e essa tendência se acelerou recentemente; por exemplo, o preço do arroz tailandês passou de 365 para 562 dólares a toneladas de janeiro a março de 2008. Para os países em desenvolvimento, os africanos e os asiáticos em particular, essa elevação dos preços é trágica e pode arruinar, num curto espaço de tempo, as recentes melhorias das condições de vida neles constatadas. Todavia, não existem correlações lineares entre o aumento dos preços do arroz e a produção de biocombustíveis. Com efeito, visto que a demanda por arroz por parte da indústria de etanol é virtualmente nula, pode-se inferir que os biocombustíveis não têm impacto direto na formação de seus preços.

De maneira geral, a não ser no caso do milho e das oleaginosas, a crescente produção de biocombustível não parece afetar diretamente os preços dos principais *commodities* agrícolas. No entanto, provavelmente existem mecanismos de transmissão de preços menos lineares, já que, a crescente produção de milho direcionada a indústria de etanol nos EUA tende a pressionar as áreas

alocadas à outros cultivos, sejam eles de soja ou de trigo. Em conjunto com a elevação dos preços do milho, a substituição da área de soja por milho pode contaminar o conjunto de preços das principais *commodities* com efeito difuso sobre a inflação agrícola recente.

Ainda devem ser considerado que as políticas implementadas para promover a oferta de etanol ou biodiesel podem alterar em certo grau as expectativas de preços futuros e, em última instância, pressionar os preços correntes. Pode-se esperar, por exemplo, que cada vez mais terras serão destinadas a produção de biocombustíveis, criando uma pressão fundiária e um aumento dos custos. Se os diversos agentes que atuam nos mercados agrícolas fossem racionais e as informações relevantes abundantes e de fácil acesso, os preços deveriam refletir as condições de oferta e demanda. O problema é que os agentes

“O dramático aumento dos preços dos alimentos ocorrido esses últimos dois anos tem provocado um intenso debate a respeito do papel dos biocombustíveis na atual crise de segurança alimentar.”

têm pouco conhecimento sobre o estado futuro da demanda e da tecnologia e, como destacou o prêmio Nobel de economia D. Kahneman, eles de maneira geral tomam suas decisões a partir de um conjunto restrito de informações disponíveis e representativas de certa situação.

Além do mais, no cenário incerto da crise financeira atual, operadores com poucas opções atrativas para investir podem decidir direcionar seus recursos para comprar contratos agrícolas, criando uma pressão adicional sobre os preços correntes de *commodities* como milho, soja ou trigo. Com a maior integração dessas *commodities* agrícolas nos circuitos financeiros, os impactos dos biocombustíveis sobre os preços agrícolas, nesse sentido, podem estar muito mais associados às emoções e sentimentos do momento do que a um cálculo racional visando maximizar a utilidade esperada. Porém, apenas os movimentos de capitais pouco racionais do mercado financeiro não explicam a tensão sobre os preços do arroz. De maneira geral, além dos impactos do crescimento da produção de biocombustíveis sobre as cotações do milho e das oleaginosas, o aumento dos preços agrícolas está associado a sérios problemas de oferta do que ao crescimento da produção de biocombustíveis.

Como assinalo no início deste artigo, o dramático aumento dos alimentos registrado recentemente tem múltiplas causas e os biocombustíveis representam uma delas. Entre outros aspectos que afetam os preços agrícolas, destacam-se, também a desvalorização da unidade de conta internacional (o dólar americano) e o

aumento dos preços do petróleo e seus efeitos sobre os custos dos insumos e do transporte. Os preços dos fertilizantes, por exemplo, têm se elevado rápida e consistentemente, proporcionando lucros excepcionais para as grandes multinacionais que dominam essa indústria. As políticas que visam limitar as exportações de grãos, implementadas por vários países no intuito de minimizar a inflação, estão também colocando “lenha na fogueira”, sobretudo num momento em que os estoques são historicamente baixos e a oferta estressada pelas secas que atingiram grandes países agrícolas em 2007. Mais fundamentalmente, a crise alimentar atual está relacionada com a falta de investimentos públicos na agricultura e na segurança alimentar. Acreditar, como advogaram durante décadas os principais organismos internacionais, que os mercados resolvam corretamente os problemas de oferta e de acesso aos alimentos pode revelar-se um grave risco. A segurança alimentar é um bem público tanto quanto a segurança energética e militar. Sua responsabilidade, portanto, não deveria ser deixada a livre negociação dos interesses privados.

* Professor do IM/UFRRJ e membro do Observatório de Políticas Públicas para a Agricultura (OPPA/CPDA/UFRRJ). O autor agradece os comentários de Renato S.J. Maluf, Karina Kato, Philippe Bonnal e Nelson G. Delgado. Qualquer erro que porventura se note nesse artigo é de responsabilidade do autor, ficando esses colaboradores isentos de qualquer responsabilidade.

Coordenador
Sergio Leite

Pesquisadores

Georges Flexor, Jorge Romano, Leonilde Medeiros, Nelson Delgado, Philippe Bonnal, Renato S. Maluf, Lauro Mattei e Ademir A. Cazella

Assistentes de Pesquisa
Karina Kato e Silvia Zimmermann

Secretária
Diva de Faria

oppa Observatório de Políticas
Públicas para a Agricultura

cpda Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais
em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade
UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Endereço: Av. Presidente Vargas, 417 / 8º andar
Centro Rio de Janeiro - RJ CEP 20071-003

Telefone: 21 2224 8577 – r. 214
Fax: 21 2224 8577 – r. 217
Correio eletrônico: oppa@ufrj.br
Site eletrônico: www.ufrj.br/cpda

Apoio



Ministério do
Desenvolvimento Agrário

